

---

## OS CONTRATOS ENTRE ENUNCIADOR E ENUNCIATÁRIO NO DISCURSO DE LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA

*Gláucia Muniz Proença Lara*

*glara@nin.ufms.br*

**Abstract:** In this paper we analyze President Lula's speech, resorting to Greimas' semiotics and to modern rhetoric (Perelman and others), in order to verify the argumentative procedures he uses to make the public believe in himself (in his efforts, in his good intentions) and in his government. We found out two basic procedures: the usage of the first person (I or we) in order to give his discourse the "tone" of personal engagement, and the presence of analogies and metaphors by means of which he tries to make his speech more accessible to the common citizen.

**Resumo:** No presente artigo, analisamos o discurso do Presidente Lula, buscando articular a semiótica greimasiana com a retórica moderna (Perelman e outros), a fim de verificar os procedimentos argumentativos utilizados pelo enunciador para fazer com que os enunciatários criem nele (nos seus esforços, nas suas boas intenções) e no seu governo. Nesse sentido, duas estratégias básicas podem ser observadas, dada a sua recorrência no referido discurso: o uso da 1ª pessoa (eu ou nós), por meio do qual se confere ao dizer um "tom" de compromisso pessoal, e a presença de analogias e metáforas, que procuram tornar o discurso mais acessível para o cidadão comum.

### Introdução<sup>i</sup>

Do ponto de vista da semiótica greimasiana, tomada como "teoria da significação", cuja preocupação se volta para a explicitação das condições da apreensão e da produção do sentido (Bertrand, 2003, p. 16), o discurso deve ser analisado como uma "cena" ou "espetáculo" enunciativo, o que implica, entre outros aspectos, examinar a instância da enunciação. Esta, desdobrada em enunciador e enunciatário, simula uma relação contratual entre um destinador e um destinatário. Assim, o enunciador, através de um fazer-persuasivo, propõe ao enunciatário

um acordo, um contrato, levando-o a crer nos valores em jogo e na própria veracidade do discurso.

Com base nessas questões, analisamos a "fala" do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, no 8º Congresso Nacional da CUT (04/06/03)<sup>1</sup>, procurando observar de que procedimentos o enunciador se vale para a organização persuasiva do discurso. Dentre esses procedimentos, dois serão aqui estudados mais detalhadamente: as projeções de pessoa e o uso da metáfora e do raciocínio por analogia, no âmbito das relações argumentativas que se instauram entre enunciador e enunciatário.

Para a análise dessas duas estratégias discursivas, através das quais Lula procura atuar sobre o(s) outro(s), buscaremos apoio teórico na semiótica greimasiana em sua articulação com a retórica. Essa perspectiva integrada entre as duas abordagens é, aliás, proposta por vários autores, entre os quais Barros (1988), Mosca (1999) e Bertrand (2003), justificando-se em função do caráter eminentemente persuasivo do discurso político, nosso objeto de estudo.

De acordo com Pinto (1989, p. 51-56), o discurso político vive da sua capacidade de interpelar, pois seu êxito depende da sua habilidade de construir sujeitos com a mesma visão de mundo que defende. Seu objetivo é, assim, "vencer a luta (política), através do jogo da desconstrução e reconstrução de significados".

## 2. Projeções de pessoa

Um primeiro ponto importante a ser considerado é que, enquanto no discurso científico, a ênfase no discurso (o enunciado) apaga as marcas do sujeito (o enunciador), criando um efeito de sentido de "saber objetivo", o político, ao contrário, é o discurso, por excelência, do sujeito explícito. O enunciador é, pois, um sujeito presente que se instaura completamente no discurso (Pinto, 1989).

Essa característica do discurso político fica bastante evidente na análise da "fala" de Lula. Nela, há um "eu" que perpassa todo o discurso (debreagem actancial enunciativa, no dizer da

---

<sup>1</sup> O discurso em questão foi obtido através de consulta à *homepage* do Partido dos Trabalhadores - Diretório Nacional, disponível em <<http://www.pt.org.br>>. Acesso em: 29 jun. 2003.

semiótica greimasiana)<sup>2</sup>, criando um efeito de sentido de subjetividade e conferindo ao que é dito um "tom" de engajamento ou de compromisso pessoal, o que pode ser comprovado nos excertos abaixo:

a) Todo mundo sabe que eu vou fazer a reforma agrária. Não porque alguém quer ou porque seja um compromisso histórico meu, mas porque há uma necessidade de se fazer justiça neste país.

b) [...] os compromissos históricos – que ninguém pediu para que eu assumisse com a classe trabalhadora. Mas que eu assumi, ao longo de mais de 30 anos, desde que comecei a minha vida sindical.

c) [...] eu virei em todos os congressos da CUT, até o final do meu mandato. E virei depois que deixar a Presidência da República.

d) Eu acho importante e acho normal, quero deixar claro aqui, que ninguém se tornará meu amigo porque defende as reformas ou meu inimigo porque não as defende. Quem lida comigo há trinta anos sabe que se tem uma coisa que eu não perco, nos bons e nos maus momentos, é o bom senso de não confundir as divergências políticas com as minhas relações de amizade pessoal.

Esse "eu" dirige-se a um "tu" (representado ora por vocês = companheiros e companheiras da CUT, sobretudo nos momentos inicial e final do discurso, ora por um você específico, com quem o enunciador procura estabelecer um vínculo mais estreito, mais íntimo, como é o caso de João Felício, presidente da CUT), o que reforça a idéia de reciprocidade que, segundo Benveniste (1991, p. 286), está inscrita na linguagem, mostrando que esses dois termos se implicam (um não se concebe sem o outro):

e) Eu queria dizer para vocês que, cada vez que eu participava de um Congresso da CUT, era como se eu estivesse na minha casa, conversando com a minha mulher e com os meus filhos, porque, no meio de companheiros, eu me sinto como se estivesse em casa.

---

<sup>2</sup> Para a semiótica greimasiana, há dois tipos de projeção de pessoa: a enunciativa, em que se instala o **eu** no discurso, e a enunciva, em que se projeta o **ele** discursivo. As projeções (debregens) enunciativa e enunciva criam, em princípio, dois grande efeitos de sentido: de subjetividade e de objetividade (Fiorin, 1996, p. 45)

f) Eu tenho consciência, meu caro João Felício, de cada passo a ser dado. E tenho consciência da dificuldade. Mas levanto todo santo dia, João Felício, com a certeza de que vamos cumprir aquilo que sonhamos juntos.

Esse "eu", não raras vezes transforma-se em "nós"/"a gente", criando um efeito de sentido a meio caminho entre a objetividade e a subjetividade, mas que, via de regra, parece reforçar os compromissos assumidos pelo "eu". É o caso do chamado "nós exclusivo" (eu + equipe de governo), que aparece no trecho que segue:

g) Eu faço essa comparação, por algumas coisas que acontecem no Governo [...] Na semana passada, João, quem está na área da saúde aqui se lembra, nós lançamos o mais importante projeto para cuidar dos doentes mentais neste país. [...] Nós lançamos o mais importante e único projeto de turismo na História do Brasil, numa perspectiva de criarmos um milhão e duzentos mil empregos.

Manifestam-se também no discurso, embora em menor escala, o "nós inclusivo" (eu + aqueles que me escutam = companheiros da CUT) e o "nós misto" (= nós, brasileiros), exemplificados, respectivamente, no primeiro e no segundo trecho abaixo. O Presidente procura mostrar, assim, que não basta o empenho do Governo (= eu + equipe) para transformar o Brasil; é necessária a mobilização de todos (seja de seus "companheiros", seja dos demais segmentos da população):

h) [...] porque, no meio de companheiros, eu me sinto em casa. E mesmo aqueles que possam divergir, nós temos que respeitá-los [...] Entretanto, nós temos que levar em conta o que nós queremos, o que estamos fazendo para que a gente possa ter a dimensão do passo que cada um de nós pode dar.

i) Nós vamos transformar este país juntos: trabalhadores, Governo, empresários, produtores rurais, sem terra, mulheres, homens, negros e brancos. E vamos transformar porque temos consciência da importância do nosso país no cenário mundial...

Lula também se vale da debreagem interna (ou de 2º grau), dando "voz" ao outro no discurso. Nesse caso, citando em discurso direto a fala daqueles a quem chama de "preconceituosos", procura criar um efeito de sentido de verdade, dando a impressão de que preservou a integridade do discurso e a autenticidade do que reproduziu. O Presidente se vale

desse expediente para responder àqueles que questionavam sua competência (inclusive lingüística) para assumir o cargo mais alto da nação:

j) Os preconceituosos contra mim diziam assim: como é possível o Lula governar um país, se ele não sabe nem falar inglês? Como é que ele vai conseguir conversar com o Bush, com o Tony Blair? E eu estou provando que eu não preciso falar inglês para ser respeitado no mundo. Eu tenho que falar português. Eu não preciso falar inglês para ser respeitado. Eu tenho que falar, pura e simplesmente, a língua de 175 milhões de brasileiros...

Um outro procedimento utilizado pelo enunciador é a substituição de um "eu" por um "ele". No trecho abaixo, Lula deixa de referir-se a si mesmo como "eu" e passa, num dado momento, a designar-se como "ele" (= "este companheiro")<sup>3</sup>. Isso contribui para estreitar os laços que unem enunciador e enunciatários (integrantes da CUT), ao mesmo tempo que permite àquele uma espécie de distanciamento objetivo para avaliar sua própria história, o que vem reforçar o senso de compromisso, de responsabilidade já assumido pelo "eu":

k) Pois bem, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero dizer para vocês que olhem bem nos meus olhos, e tenham a certeza que este companheiro, torneiro mecânico, nordestino de Pernambuco, que perdeu três eleições, que não desistiu em nenhum momento, e, por conta e responsabilidade de vocês, chegou à Presidência da República, não esquece e não esquecerei nunca dos compromissos que assumi na minha história política

Por meio dessas diferentes projeções de pessoa, com seus diferentes efeitos de sentido, Lula vai construindo seu fazer-persuasivo-discursivo, levando o outro a saber, mas sobretudo a crer nas suas boas intenções. Não podemos deixar de observar, no entanto, a predominância do "eu" (que desliza, com certa frequência, para o "nós"/"a gente"), revelando um sujeito que se instaura completamente e explicitamente no discurso.

### 3. Relações argumentativas

---

<sup>3</sup> Nesse caso, ocorre uma "embreagem actancial", produzida pela neutralização (ou pela suspensão de oposições) na categoria de pessoa. Toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior: um *ele* que significa *eu*, um *tu* que é substituído por *ele* etc. Para um maior detalhamento das noções de embreagem e debreagem, remetemos o leitor a Greimas & Courtés (1979) e a Fiorin (1996).

As relações contratuais que se estabelecem entre enunciador e enunciatário são, para a semiótica, relações de comunicação e de manipulação. Conforme já assinalamos na Introdução, o primeiro propõe ao segundo um contrato, um acordo, valendo-se de um fazer-persuasivo. Com esse fazer, espera determinar os valores em jogo e levar o enunciatário a crer no que propõe e a realizar o que ele (enunciador) pretende. A "resposta" do enunciatário é um fazer-interpretativo que determinará a aceitação ou a recusa do contrato proposto.

A questão da persuasão remete à da verdade. Como dizer para ser acreditado? É preciso construir a "verdade". No entanto, como afirma Barros (1988, p. 94), "o discurso constrói sua própria verdade e, por essa razão, prefere-se falar em 'dizer-verdadeiro' e não em verdade discursiva". Isso implica que o enunciador não produz discursos verdadeiros ou falsos, mas discursos que parecem verdadeiros e que, sendo interpretados como tais pelo enunciatário, levam-no a aceitar o contrato proposto. A semiótica, portanto, substitui a questão da verdade pela do "dizer-verdadeiro"

Lula, querendo mostrar seu discurso e ele próprio como dignos de crédito, empenha-se na construção de um "dizer-verdadeiro" que esteja próximo do enunciatário, que lhe seja familiar. Nesse sentido, misturam-se o discurso político e o didático/pedagógico. Ambos, como destaca Barros (1988, p. 95), caracterizam-se, muito provavelmente, tanto pelo fazer-fazer (levar o outro a assumir certos comportamentos) quanto pelo fazer-criar (reconhecer o fazer do político ou do professor).

Desse modo, para fazer-criar, através de um fazer-parecer-verdadeiro que seja, em última análise, acessível ao outro (e que o leve, portanto, a reconhecer o fazer do político), o Presidente se vale, na construção do seu discurso, de um procedimento que "salta aos olhos": o uso da metáfora e do raciocínio por analogia. Essas duas estratégias argumentativas têm sido amplamente estudadas pela retórica, domínio teórico em que nos apoiaremos nesta etapa da análise.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 424-425), situando o raciocínio por analogia no âmbito dos argumentos baseados na estrutura do real, definem essa noção como "uma similitude de estruturas, cuja fórmula mais genérica seria: A está para B assim como C está para D". Os autores propõem chamar de "tema" o conjunto dos termos A e B sobre os quais repousa a conclusão e de "foro" o conjunto dos termos C e D, que servem para estribar o raciocínio. Desse modo, na famosa frase de Aristóteles: "Assim como os olhos dos morcegos são ofuscados pela

luz do dia, a inteligência de nossa alma é ofuscada pelas coisas naturalmente evidentes", os termos A e B (inteligência da alma, evidência) representariam o tema e os termos C e D (olhos do morcego, luz do dia), o foro.

Afirmado que, normalmente, o foro é mais bem conhecido do que o tema, cuja estrutura ele deve esclarecer, os autores destacam que, para que haja analogia, tema e foro devem pertencer a áreas distintas. A analogia seria, portanto, um raciocínio referente às relações entre tema e foro, o que a distinguiria, em princípio, da metáfora que se esteia numa similitude de entidades ou objetos. De qualquer forma, não se pode deixar de observar o vínculo existente entre essas duas noções, o que leva Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 453) a definir a metáfora como uma "analogia condensada". Também Molinié (1992) reconhece a relação entre metáfora e analogia, mostrando que ambas repousam sobre a similitude.

Robrieux (1993), por sua vez, situa a analogia entre os argumentos empíricos, já que ela faz intervir a experiência (não sendo, pois, um argumento quase lógico, baseado numa equação puramente formal). Na mesma direção de Perelman & Olbrechts-Tyteca, o autor afirma que, no caso da analogia, comparam-se as relações – e não duas entidades – através da extrapolação de um domínio em outro (isotopias), com o fim de persuadir. Na sua opinião, o papel da analogia não é somente heurístico (fazer descobrir uma idéia), mas também pedagógico: pretende-se atingir o auditório com o auxílio de imagens surpreendentes, utilizar o conhecido para fazer compreender o desconhecido. Já a metáfora, classificada como um tropo ou uma figura de sentido, implica a utilização de uma palavra fora do seu "sentido próprio" a partir de um acordo tácito entre os interlocutores. O procedimento metafórico esteia-se, pois, numa relação analógica, ou numa relação de comparação operada imediatamente pelo espírito, entre dois (ou mais) significados ligados a um mesmo significante. Nessa perspectiva, Robrieux (1993, p. 151) também aproxima a analogia da metáfora, destacando, no entanto, que a primeira, para não ser um procedimento puramente metafórico, implica que a "imagem" seja "seguida de uma explicação".

Finalmente, Abreu (2003, p. 49), estudando as técnicas argumentativas que, segundo ele, "são os fundamentos que estabelecem a ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal", coloca a analogia entre os argumentos fundamentados na estrutura do real (classificação calcada em Perelman & Olbrechts-Tyteca) e afirma que, quando queremos argumentar pela analogia, utilizamos como tese de adesão inicial um fato que tenha uma relação analógica (isto é, de

similitude) com a tese principal. A metáfora, por seu turno, seria uma figura retórica. Para o autor, as figuras retóricas são recursos lingüísticos utilizados especialmente a serviço da persuasão, já que "possuem um poder persuasivo subliminar, ativando nosso sistema límbico, região do cérebro responsável pelas emoções" Enquanto figura de palavra, a metáfora (do grego *metaphorá* = transporte) é uma "comparação abreviada", calcada, pelo seu próprio sentido etimológico, na idéia de transporte do sentido próprio para o sentido figurado (Abreu, 2003, p. 106-112).

Com base nos autores citados, vejamos como a analogia e a metáfora "funcionam" no discurso do Presidente Lula, levando a um fazer-crer (persuasão) que se propõe como verdadeiro. Examinemos o trecho que segue:

l) Eu tenho, meu caro João Felício, a consciência de que muitas pessoas que morrem afogadas, não morrem afogadas porque não sabem nadar, porque se as pessoas tivessem controle emocional e consciência de que o seu corpo é mais leve do que a água; se essas pessoas mantivessem a tranquilidade, certamente, muitos não morreriam. Morrem porque ficam nervosas, batem demasiadamente as mãos e os pés, abrem a boca demais, bebem águas indevidas e morrem afogadas.

Num governo também é assim. Um país do tamanho do Brasil, com a quantidade de problemas que tem, o Presidente da República não pode, em nenhum momento perder o equilíbrio...

Nesse trecho, Lula, com um propósito claramente didático, associa o fazer do governo (isotopia política) ao fazer do nadador (isotopia esportiva, que se supõe mais próxima do universo do cidadão comum). A tese principal – a de que o governo não deve agir de forma precipitada – é sustentada por uma analogia (com o nadador que se afoga porque se afoba), que serve como tese de adesão inicial. Trata-se de uma analogia porque o que está em jogo não é a similitude entre duas entidades, mas entre relações (a imagem é seguida de uma explicação, como diz Robrieux, 1993). Poderíamos parafrasear a fala de Lula da seguinte maneira: "assim como o nadador que se descontrola morre afogado, o governo que perde o equilíbrio se complica", em que os termos C e D (nadador descontrolado, morte por afogamento) funcionariam como foro (a relação mais conhecida – ou mais familiar – que serve para "estribar" o raciocínio) e os termos A e B (governo desequilibrado, complicação) como tema (termos sobre os quais repousa a

conclusão). Com isso, o Presidente busca justificar a lentidão atribuída por alguns a seu Governo.

O uso do raciocínio por analogia também fica claro no excerto transcrito a seguir. Nesse caso, através de uma associação entre o comportamento do cônjuge descontente (isotopia familiar ou da vida cotidiana), que não reconhece o trabalho duro do outro, limitando-se a criticá-lo pelo atraso, e a atitude da televisão e dos jornais (isotopia midiática), que não destaca o esforço do Governo no lançamento de "grandes programas", preferindo voltar-se para "coisas menores" (ações menos significativas, na ótica do enunciador), Lula valoriza o próprio fazer do Governo (que trabalha duro, que se empenha no lançamento de programas "únicos") e critica o fazer do outro (dos meios de comunicação, que não reconhecem esse esforço), valendo-se da analogia como tese de adesão inicial para a tese principal: é preciso que a mídia dê o devido destaque ao que o Governo faz de importante. É interessante observar que, diferentemente do trecho analisado antes (em que o foro é conhecido do enunciatário, mas não faz parte necessariamente do seu cotidiano), o foro é agora, de forma estratégica, inserido no próprio universo do enunciatário (o trabalhador), funcionando a analogia como um poderoso recurso persuasivo. Vejamos.

m) Muitas vezes, João, acontecem coisas que deixam a gente chateado. Aqui, tem mulheres e homens casados, que saem de manhã para trabalhar e trabalham o dia inteiro das 7 da manhã às 6 da tarde. Alguns pegam 3 ônibus para o trabalho, de segunda à sexta. Às vezes, uma companheira mulher chega meia hora atrasada porque teve um problema qualquer, o marido está em casa e, ao invés de reconhecer as doze horas de trabalho dela, prefere reconhecer apenas a meia hora que ela atrasou, e por conta disso começa a brigar. Com o homem acontece a mesma coisa, muitas vezes o companheiro trabalha das 7 às 6 horas, todo santo dia, e às vezes pára para tomar uma cervejinha com o companheiro. E quando chega em casa, não tem nenhum elogio pelas 12 horas que trabalhou mas tem críticas pela meia hora em que ele tomou uma cerveja.

Eu faço essa comparação, por algumas coisas que acontecem no Governo, que não é diferente do que acontece na família. Na semana passada, João, quem está na área da saúde aqui se lembra, nós lançamos o mais importante projeto para cuidar dos doentes mentais neste país. [...] Qual não foi a minha surpresa ao ver televisão e ler os jornais! Não falavam quase nada do projeto que nós lançamos [...] Nós lançamos o mais importante e único projeto de turismo da história do Brasil numa perspectiva de criarmos um milhão e duzentos mil empregos. No dia

seguinte, eu li os jornais e não havia uma só matéria sobre o lançamento do projeto de turismo. Teve uma declaração de uma reunião minha com a bancada do PT.

A metáfora, por sua vez, tomada como uma "analogia condensada" ou como uma "comparação abreviada", pode ser encontrada nos enunciados abaixo:

n) O que não pode é alguém julgar uma criança quando ela ainda está no ventre da mãe. Porque nós temos apenas cinco meses de Governo.

o) O primeiro boletim que eu fiz na vida era mostrando que um trabalhador sozinho era um graveto fácil de quebrar, mas um monte de gravetinhos juntos era um feixe de lenha tão forte que ninguém conseguiria quebrá-lo.

Nos dois casos, temos metáforas *in praesentia*, que colocam em relação direta o comparante e o comparado (Robrieux, 1993, p. 46). No primeiro caso, o "nós" (eu + equipe de Governo) é comparado à criança no ventre da mãe (comparante); no segundo, estabelece-se uma relação (uma comparação implícita) entre o trabalhador (comparado) e o graveto (comparante). Assim, há um "transporte" entre o sentido próprio de criança no ventre da mãe (= feto) e de graveto (= pedaço de lenha miúda) para o sentido figurado. A intenção de Lula, ao se valer dessas metáforas, é mostrar: em n), que não se deve julgar o Governo (as ações do Governo) sem que ele esteja efetivamente pronto (ele ainda está em processo de formação); em o), que "a união faz a força", já que um único graveto/trabalhador é frágil, mas um feixe de lenha/uma "massa" de trabalhadores tem poder.

Nessa segunda metáfora de o) teríamos, a rigor, uma metáfora *in absentia*, já que, segundo Robrieux (1993, p. 46), o tema (comparado = uma "massa" de trabalhadores) desaparece completamente em favor do foro (comparante = o monte de gravetinhos/o feixe de lenha). Essa segunda "comparação abreviada", no entanto, constrói-se sobre uma primeira, em que tema e foro estão explicitados e, portanto, não oferece maiores dificuldades para sua interpretação, servindo de "gancho" (porque situada no universo do trabalhador) para uma outra metáfora *in praesentia* (desta vez, na esfera governamental, tida como mais distante do cotidiano do trabalhador): a de que "a América do Sul e a América Latina vão se unir para se tornar um feixe difícil de ser quebrado". Esses exemplos deixam clara a relação entre metáfora e analogia, o que justifica que os autores estudados as coloquem num mesmo plano: o da similitude, enfatizando o vínculo existente entre elas.

Vemos, portanto, que, por meio de analogias e metáforas, o Presidente, com um propósito claramente didático, estabelece associações freqüentes entre atitudes e ações do Governo e temas e figuras<sup>4</sup> pertencentes ao universo do cidadão comum, destacando-se, nesse procedimento persuasivo, temas como a tranqüilidade e a união (da parte do Governo), a tolerância e a paciência (da parte dos outros, sobretudo daqueles que criticam o governo)<sup>5</sup>. Um discurso predominantemente temático (abstrato)<sup>6</sup>, como o político, ganha, assim, uma boa dose de concretude através de figuras como a do nadador afobado, a do cônjuge insatisfeito, a da criança no ventre da mãe e a do graveto/feixe de lenha, pertencentes a diferentes isotopias que se entrelaçam com a isotopia política.

Com isso, Lula busca aproximar-se do seu público, levando-o a aderir mais facilmente à tese que defende (o que implica uma aceitação pelo enunciatório do contrato proposto pelo enunciador): a de que o governo deve agir sem precipitação, com equilíbrio, buscando alianças importantes e de que os outros devem ser pacientes e tolerantes, reconhecendo e valorizando o esforço feito, no estilo "dar tempo ao tempo". Não é preciso dizer que indiretamente Lula procura responder às freqüentes críticas feitas a seu Governo, sobretudo pela mídia.

Bertrand (2003, p. 189) afirma que as figuras de retórica (entre as quais a metáfora e – acrescentamos – o raciocínio por analogia que, como vimos, esteia-se no mesmo princípio de similitude) instalam a coexistência de vários planos de significação simultaneamente oferecidos à interpretação, ou seja, introduzem uma isotopia inicial (o comparado) no campo de atração de uma segunda isotopia (o comparante), "abrindo essa significação inicial para um novo universo de sentido, e instalando assim duas leituras coexistentes e parcialmente concorrentes de uma nova significação".

---

<sup>4</sup> Segundo Fiorin (1989, p. 65), a *figura* é o termo que remete a algo do mundo natural, enquanto o *tema* é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual. Nessa perspectiva, os temas organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural.

<sup>5</sup> É preciso deixar claro que nossa preocupação aqui não é tecer juízos de valor quanto ao uso que Lula faz das metáforas e analogias, a exemplo do artigo "A metáfora como doença", de autoria de Mario Vitor Santos (**Primeira Leitura**, n. 17, jul. 2003). Nosso objetivo é apenas mostrar que se trata de uma estratégia recorrente no discurso do Presidente e tentar apreender seu "funcionamento" argumentativo.

<sup>6</sup> Nesse sentido, concordamos com Barros (1990, p. 71) para quem não existem discursos puramente temáticos, e sim discursos de figuração esparsa

Esse deslizamento de uma isotopia inicial (a política) para outras isotopias (familiar, esportiva etc) é uma constante no discurso de Lula e funciona como recurso argumentativo, já que procura aproximar enunciador e enunciatário, fazendo com que este acredite no Governo (nas suas boas intenções) e no próprio Presidente, mostrado, acima de tudo, como um homem simples, que fala a linguagem do povo.

Assim, discursos que, a princípio, parecem arrolar exclusivamente isotopias temáticas , como é o caso do discurso político, abrem-se para a figuratividade, servindo as "figuras analógicas" para "tornar sensível aquilo que é por natureza exterior e inacessível à percepção" (Bertrand, 2003, p. 215).

#### 4. Considerações finais

A partir da análise apresentada acima, que obviamente não se esgota nos exemplos arrolados, esperamos ter contribuído para desvelar de que maneira(s) Lula vai tecendo seu discurso como um fazer-persuasivo que, mostrando-se como um "dizer-verdadeiro" e sendo interpretado como tal pelo enunciatário, levará este a saber, mas sobretudo a crer no enunciador, nos seus valores, no seu discurso, o que implicará a aceitação do contrato proposto.

Vimos que Lula se vale, entre outros procedimentos, da projeção enunciativa em 1ª pessoa (para criar um efeito de sentido de subjetividade e conferir à sua fala um "tom" de compromisso pessoal) e do emprego de metáforas e analogias (com vistas a tornar seu discurso mais "palpável" para o homem comum, pouco familiarizado com as questões de poder). Ao mesmo tempo, responde às críticas feitas a ele mesmo e ao seu Governo por determinados setores da sociedade, sobretudo a mídia, e dá, literalmente, seu recado: o de que agirá sem pressa, buscando o equilíbrio, a união e exigindo, em contrapartida, não apenas a paciência, mas também o apoio da população para transformar o país.

#### Referências Bibliográficas

- ABREU, Antônio S. - *A arte de argumentar*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.  
BARROS, Diana Luz P. - *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*, São Paulo: Atual, 1988.  
\_\_\_\_\_. - *Teoria semiótica do texto*, São Paulo: Ática, 1990.  
BENVENISTE, Émile. - *Problemas de lingüística geral I*, Campinas: Pontes/Ed. UNICAMP, 1991.  
BERTRAND, Denis. - *Caminhos da semiótica literária*, Bauru, SP: Edusc, 2003.  
FIORIN, José Luiz. - *Elementos de análise do discurso*, São Paulo: Ática, 1989.

- \_\_\_\_\_. - *As astúcias da enunciação*, São Paulo: Ática, 1996.
- GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. - *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris: Hachette, v. 1, 1979.
- MOLINIÉ, Georges. - *Dictionnaire de rhétorique*, Paris: Le Livre de Poche, 1992.
- MOSCA, Lineide do Lago S. (org.). - *Retóricas de ontem e de hoje*, São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. - *Tratado da argumentação*: São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PINTO, Céli Regina. - *Com a palavra o senhor presidente José Sarney*, São Paulo: Hucitec, 1989.
- 

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em sessão coordenada durante o "II Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste" (GELCO), realizado pela Universidade Federal de Goiás (*Campus Samambaia - Goiânia, GO*), em outubro de 2003. Nossos sinceros agradecimentos a Maria Adélia Ferreira Mauro pela leitura, em primeira mão, deste artigo.